

Memorial de Maria Rosário Carvalho, professora titular do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

Um desafio para nós, que fomos seus alunos e orientandos, produzir um arrazoado sobre a trajetória da Profa. Maria Rosário Carvalho. Aprendemos com ela que as vaidades devem ser controladas e o personalismo evitado. Portanto, esse breve memorial apresentará Maria Rosário sempre em relação. Em relação aos povos indígenas, em especial aos Pataxó; em relação ao Pineb, Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro, que ela fundou, há exatos 52 anos, junto com o Professor Pedro Agostinho da Silva; a FFCH, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba; em relação a Anaí, Associação Nacional de Ação Indigenista; e em relação aos muitos de seus alunos e orientandos.

Diremos, pois, de uma trajetória construída no melhor sentido de coletividade, inventividade, reciprocidade e afeto. É, pois, neste sentido que retornaremos aos anos de chumbo e encontraremos a estudante Maria Rosário concluindo a licenciatura em Ciências Sociais, na Ufba, uma universidade que vivenciava as limitações impostas por um regime de exceção e as transformações que dele decorriam. Desde esse tempo, ela foi estimulada em grande medida pelo senso de curiosidade, relatividade e alteridade presentes no pensamento antropológico, a ingressar no mestrado e iniciar sua relação de pesquisa e engajamento junto aos Pataxó de Barra Velha. Talvez possamos afirmar que em boa medida as trajetórias de Rosário e dos Pataxó seguiram lado a lado em termos de formação política, educacional e de conquista de direitos. A identificação entre eles é mútua: capacidade de lutar, de resistir, de se refazer e de provocar.

A possibilidade de encontrar os Pataxó se deu em meio a um imenso desafio: o total desconhecimento e a incredulidade da comunidade acadêmica, da etnologia brasileira e da sociedade civil sobre a presença indígena na Bahia. Mas eles estavam lá. Eram pelo menos seis povos mobilizados entre as décadas de 1970 e 1980. Contemporaneamente são mais de trinta, e o estado da Bahia figura nos dados do último censo do IBGE como o segundo estado com maior população indígena no Brasil. Desses mais de trinta povos, o povo Pataxó é o maior em terras indígenas e em população total. Em 1977, antes mesmo de defender a tese de mestrado intitulada "Os Pataxó de Barra Velha: seu sub-sistema econômico", Maria Rosário tornou-se docente da FFCH/Ufba. Em tempos em que a universidade ainda era para poucos e enfrentava os limites impostos pela repressão. Nesses tempos, também, a dura realidade em que viviam os povos indígenas

da Bahia mobilizava temas candentes para estudos: situação de contato, luta pela terra, afirmação identitária, relações de poder e conflito, em um cenário etnológico, de forte acento culturalista, que marcava a extinção de povos como os que aqui viviam e vivem. O primeiro trabalho de Rosário, sua tese de mestrado, acima mencionada, recebeu distinção pela banca examinadora composta pelos professores Roberto Cardoso de Oliveira, Julio Cesar Melatti e Pedro Agostinho, este último, orientador do trabalho. Corria o ano de 1977 e os pataxó enfrentavam dura disputa com o Parque Nacional do Monte Paschoal. O final da década de 1970 marcará sua formação e inserção em uma etnologia engajada que produzia conhecimento à luz dos principais problemas enfrentados pelos povos indígenas na Bahia. Assim, além das atividades acadêmicas, Maria Rosário participava ativamente de ações no campo político relacionadas à afirmação dos direitos dos povos indígenas. É desse tempo também as suas primeiras orientações de jovens estudantes da FFCH.

Rosário costuma dizer que um bom antropólogo nunca está em um só campo de conhecimento, não se restringe ou se limita a sua área de atuação mais direta. Assim, são dignos de nota os trabalhos que orientou em temáticas diversas, nos campos das relações raciais, infância, quilombos, mercado e consumo, gênero. Era conhecida na FFCH a sua imensa capacidade teórica, e muitos estudantes atrasavam o curso para com ela cursar as disciplinas de teoria, as intermináveis Antropologias I, II, III, IV, V. Muito por isso, estudantes distantes da Etnologia a cobiçavam como orientadora. Arelada a essa fama de muito boa professora estava uma outra que predominava no exercício de Patologia, uma espécie de componente extracurricular que todos os estudantes de São Lázaro (a FFCH) cursaram, ou cursam: as fofocas no pátio durante o intervalo das aulas. Na patologia predominava a fama de professora rigorosa, nunca rígida, mas de provas difíceis e atribuição de notas não muito altas. O estudante que cursasse mais de uma disciplina com Rosário era visto com destaque pelos demais por suposta coragem e capacidade acima da média. Podemos afirmar que não era bem assim, a mestra é de fato exigente, e a fama de durona não nos impedia de enxergar sua generosidade e flexibilidade.

A produção de conhecimento é uma encruzilhada, não é isso ou aquilo, e, por essa razão, Rosário sempre abominou os rótulos e sua produção transita entre a boa teoria e a produção dos dados. Seus orientandos sempre foram estimulados a produzir teoria a partir das realidades observadas. Uma boa etnografia sempre foi sua recomendação, muito mais que a repetição de teorias muitas vezes inócuas.

Uma outra premissa que aprendemos com ela: a importância de nos deslocarmos, de seguirmos rumo a outros contextos para observarmos e compreendermos melhor de onde partíamos. Assim, nos anos 1980, Rosário segue para a região amazônica para desenvolver pesquisa junto aos Kanamari. Não foi sozinha, seu amigo e colega Edwin Ressink, que havia pesquisado na Bahia, a acompanhou. Ele também em pesquisa para seu doutorado. Sempre escutamos de Rosário que os Kanamari a ajudaram a entender melhor os Pataxó e vice-versa. A tese de doutorado intitulada "Os Kanamari da Amazônia Ocidental: história e etnografia", defendida em 1997, na Usp, virou um livro referência para os estudos que levam a sério tanto a história quanto a cosmologia.

Desde então foram muitos artigos, capítulos de livros e livros sobre os indígenas do nordeste; foram muitas as reflexões sobre o tipo de produção que versava e versa sobre seus contextos; algumas investidas internacionais e o diálogo com colegas de distintas instituições no Brasil e fora dele, a participação ativa em conselhos científicos, a inventividade de projetos e temas de pesquisa, mas sem nunca perder de vista seu grande ofício: formar pessoas, formar antropólogos engajados e comprometidos com as lutas dos povos indígenas. Talvez sejam cerca de 22 orientações de graduação, 30 orientações de mestrado, 20 de doutorado e mais de 40 de Iniciação Científica, nem todas na etnologia como mencionamos acima. Dentre esses, as primeira mestras indígenas tituladas pela Ufba: Anari Pataxó e Arissana Pataxó.

Na Associação Brasileira de Antropologia, que agora a homenageia, participou ativamente de suas reuniões, comitês, comissões, conferindo dignidade com suas posições corajosas e opiniões firmes. Desde a organização de Grupos de trabalho, mesas redondas, até apresentações de trabalhos em Gt organizados por jovens colegas, demonstrando sua simplicidade, generosidade e reconhecimento ao trabalho dos que vieram depois.

A atuação do Pineb e da Anaí foram decisivas para inclusão de um capítulo sobre os Índios na Constituição do Estado da Bahia e para outras tantas ações relativas à efetivação dos direitos indígenas. Profundamente enraizada na Bahia, mas voltada e conectada com o mundo, a trajetória de Rosário nos ensina sobre a força das relações que construímos e de sua imensa capacidade de transformação. Em tempos em que revemos e colocamos em dúvida as nossas utopias, nos colocamos em relação à trajetória de Rosário poderá nos ensinar que a revolução é lenta, mas é cotidiana.